

PERCURSO COMEÇOU NA PAISAGEM E EVOLUIU PARA A MODA E SOCIEDADE

De aprendiz a um lugar em agência mundial

FOTOGRAFIA Ivo Vladimiro é de Cebolais de Cima e entrou para a lista de fotógrafos da Getty. Uma oportunidade que lhe poderá abrir outras portas.

José Furtado

jose.furtado@reconquista.pt

Começou a fotografar ainda adolescente, fascinado pela riqueza da paisagem da região onde nasceu. A barragem de Santa Águeda era destino obrigatório nessa descoberta da fotografia, que desde os 16 anos tem sido uma constante na vida de Ivo Vladimiro. O caminho levou-o agora à Getty Images, uma das maiores agências do setor, fundada em 1995 e que cobre anualmente cerca de 160 mil acontecimentos em todo o mundo. A chegada a este patamar começou com um contacto simples, depois de não se abrirem algumas portas em Portugal.

“Se os portugueses não me respondem os internacionais muito menos, pensei. Mas passados cinco meses recebo um email da responsável pela Getty a nível ibérico”, conta o fotógrafo, cuja primeira reação foi reler a mensagem como quem não queria acreditar. Mas era verdade, respondeu e ficou.

“É uma responsabilidade acrescida. Sei que agora tenho de apresentar uma grande qualidade e algo que vá ao encontro de quem me pediu para fotografar”, deixando claro que está disponível para desafios como a cobertura de conflitos como o da Síria, país por onde já passou.

Mas voltamos às margens da barragem e ao princípio



Ivo começou a fotografar paisagem e foi ganhando notoriedade

de tudo. As idas quase diárias à Marateca foram consolidando no jovem de Cebolais de Cima as particularidades da arte, inculcando-lhe paciência e também a necessidade de planeamento. Na fotografia de paisagem começou a usar longas exposições, que podem chegar aos três minutos. “O bom disso é que tínhamos de lá voltar e repetir a coisa. Sem fazer isso acho que nunca tinha ganho esta experiência”, conclui a esta distância. O convívio com alguns veteranos da praça, como Carlos Matos e José Costa, abriu-lhe as portas do grupo de fotografia sediado no Instituto Português do Desporto e Juventude, que fez exposições e editou livros. “Eu era o mais novo na altura”, lembra. Foi assim que também começou a ter contacto com

a revelação tradicional, algo fascinante para quem como ele já tinha crescido na era do digital.

Quando foi para a Escola Tecnológica e Profissional Albicastrense, para o curso de artes gráficas, voltou a encontrar os companheiros de fotografia, agora no papel de professores. Terminado o curso, Ivo começou a fotografar moda. “Contactei alguém da Moda Lisboa e por acaso fui muito bem recebido, não sei ainda bem como”, confessa. Paulo Gomes, que na época era diretor artístico deste evento, gostou do trabalho e foi uma espécie de padrinho num mundo que, parecendo, não é fácil. Passou a fotografar na Moda Lisboa e no Portugal Fashion e considera que a fotografia de moda é talvez das especialidades mais difíceis

de seguir em Portugal, dependendo não só da qualidade do trabalho mas também da aceitação no meio. “Se eles veem que está a pisar o risco já não fazes a próxima edição”. Mais do que o desfile propriamente dito é nos bastidores que gosta de fotografar. Aqui a agitação começa às primeiras horas da manhã e o stresse só termina (ou é disfarçado) quando os modelos pisam a passerelle. “Aquela linha de entrada é um caos absoluto mas onde gosto de estar, não sei porquê. Dá-me muita pica”. Ivo começou também a fazer fotojornalismo e na campanha para as autárquicas acompanhou todos os líderes políticos nacionais. Continua por aí, à procura de uma boa oportunidade para fotografar.